

O olho que se vê a ver

Ao oitavo dia do Festival de Almada, o coreógrafo, bailarino, mas também artista plástico e fotógrafo, Josef Nadj, de origem húngara, apresenta o espectáculo *Omma*, em que oito bailarinos partilham toda uma escala de memórias de uma humanidade vencida.

Omma é um espectáculo que respira uma unidade particular. Juntos, os oito bailarinos, originários, todos eles, da África Subsariana, formam um único discurso num corpo plural. Cada bailarino afirma a sua língua, a sua identidade, a sua dança e o resultado é uma permuta permanente entre o grupo e o indivíduo que nos remete, de forma implacável, à universalidade do ser humano.

Cada qual carrega um universo dentro de si, e todos os seus gestos constituem uma cosmogonia que visa explicar a formação do universo: O que é um Homem? De onde é que ele vem? Do que ele é feito? A dança torna-se, acima de tudo, o local de encontro, que leva Josef Nadj a promover um reencontro com o que considera ser a primordial essência da dança: movimento, voz, ritmo e música. Por isso, não é de somenos lembrar que o nome que dá o título ao espectáculo se relacione com a palavras grega que contém a mais funda metáfora do olhar: em simultâneo o olhar que vê e o olhar que é visto.

Omma é uma peça para oito bailarinos, que se cruzam numa dispersão geográfica coerente (Congo, República do Congo, Costa do Marfim, Senegal, Mali, Burkina Faso), e cujo percurso passa por diversas formações e origens criativas, desde as danças tradicionais, luta livre, narração de histórias, *hip pop*, dança clássica e até acrobacia. Nadj vai estimular e convocar para o espectáculo a imaginação dos seus bailarinos, com seus próprios sistemas de



Omma está em cena na Sala Principal do TMJB

signos, linguagens, cosmogonias, mitologias e culturas. É assim que Josef Nadj idealiza uma sequência de micro-narrativas que percorrem trilhos plurais na senda da matéria de que é feita a dança e da sua mais íntima natureza. É por isso que, no palco, os corpos em movimento em sintonia com a luz e som se bastam a si mesmos, sem mais artifícios.

Pela primeira vez, porque se trata este de um espectáculo diferente, com enraizado cariz identitário, o bailarino e coreógrafo húngaro, Josef Nadj, estará ausente do palco, decisão radical para um artista

que entrou em todos os seus espectáculos anteriores. É aos seus oito bailarinos que cabe a função de «por meio de movimento [domar] o movimento». Será o seu gesto que «libertará a velocidade que arrebatará o seu corpo traçando uma forma de espaço. Uma forma de espaço-corpo efémero, por cima do abismo.», como escrevia José Gil, em *Movimento Total*, ensaio de 2001 sobre o corpo e a dança. Neste espectáculo o espaço-corpo dos bailarinos remete-nos para o espaço-tempo inaugural do ser humano, do mundo, da dança. | **Pedro Barros**

Últimas inscrições para *O sentido dos Mestres*



© Luana Santos

Ainda há cinco vagas para a formação de *O sentido dos Mestres*, cuja oitava edição, com o apoio da Share Foundation, será dirigida pelo coreógrafo Josef Nadj. A formação destina-se a actores e a bailarinos profissionais. Para se inscrever pode enviar um e-mail com CV e carta de motivação para geral@ctalmada.pt ou dirigir-se à bilheteira do TMJB. A formação tem início amanhã e decorre até 14 de Julho das 15h às 18h, no Fórum Municipal Romeu Correia, na Sala Pablo Neruda.

Alteração na programação

Por impossibilidade de viajar para Portugal, a dupla de criadores Laida Goñi e Txalo Toloza viu-se obrigada a anular a sua participação no Festival, onde apresentaria *Tierras del Sud*. Em substituição desta peça apresentamos *Cenas da vida conjugal*, de Ingmar Bergman, com encenação de Rita Calçada Bastos. Os bilhetes de Assinatura que já tinham sido entregues para *Tierras del Sud* podem ser utilizados para assistir a *Cenas da vida conjugal* — que, devido à sua duração, terá o seguinte horário: Sexta 9 e Domingo 11 às 19h; Sábado 10 às 14h e às 19h.

Denúncia ou partilha?



Isabel Zuua, Statt Miller, Cleo Diára e Nádía Yracema

Aurora Negra desenvolve em cena um processo de desconstrução do que a cultura portuguesa produz sobre a existência e a convivência com o corpo negro.

Nesta conversa constatou-se a dificuldade de elaboração de discurso sobre um objecto artístico que se apresenta com uma dupla face:

tanto de denúncia como partilha. As três actrizes trazem a nu os clichés que as suas carreiras tornaram evidentes e demonstram a recorrência de termos como “teatro negro” quando se pretende falar sobre o seu trabalho artístico. O que pretendem, disseram, é “apenas contar histórias”, sob a sua perspectiva única e pessoal,

Não é preciso teste para o CCB

Apesar de o Grande Auditório do Centro Cultural de Belém ter mais de 500 lugares, não é necessário realizar teste à covid-19 para ver *Maria Callas*. A lei prevê esta excepção, uma vez que os bilhetes já se encontravam à venda quando o regulamento foi publicado.

facto que, no caso, está imbuído nas suas experiências, raízes e memórias das quais a cor faz invariavelmente parte, mas não só.

Firmam, afirmam e reclamam o seu lugar, que deveria ser (também) o delas, há muito tempo. Afinal não é sobre a cor, mas também é. “Uma mulher negra feliz é um acto revolucionário”.

50 ANOS DE PLATEIA

Do Porto a Almada



© Luana Santos

Maria João Coutinho
20 anos de plateia

O gosto pelo Teatro funde-se nas minhas memórias antigas: a Seiva Trupe... o TEP... nasci e cresci no Porto. A Escola levava-nos ao Teatro. Em casa havia livros e a RTP dos anos 80 do século XX emitia teatro às 21h de sábados alternados.

Também num sábado, noite fria de Janeiro de 2001, a ânsia de ver a *Mãe Coragem* fez-me conduzir até Almada e, sem ter acautelado bilhete, encontrar uma sala esgotada. Estou infinitamente grata à bondade da Maria, na bilheteira, e ao anónimo que, não aparecendo, me deu acesso ao n.º 15 da fila I do agora Teatro-Estúdio António Assunção. Assim conheci a CTA que, na invernada de há vinte anos, me inquietou e aqueceu a Alma e me acolheu no seu Grupo de Amigos.

Somos quase da mesma idade e a Amizade é recente, mas tornou-se perene e funda.

Não é justo realçar um ou outro encontro, do Festival de Almada, que desde então segui assiduamente, à programação da CTA. São muitas horas gratas. A CTA que são todos – actores, encenadores, técnicos, bilheteira, secretariado, limpeza, restaurante, bar, direcção: TODOS têm sido incedíveis.

Se um momento lembro com especial apreço, não poderá ser outro que a subida ao palco do *Timão de Atenas*, passagem do testemunho entre Joaquim Benite e Rodrigo Francisco à volta do eterno Shakespeare.

Prontos que estão para as próximas cinco décadas, desejo-vos MUITA MERDA!

1971-2021: 50 anos da CTA

Amanhã no Seminário de Almada temos mais um encontro dedicado aos 50 anos da Companhia de Teatro de Almada. Os convidados serão José

Mário Silva, Fernando Louro e Luís Vicente, que irão debater o tema «A implantação em Almada: o Festival». O Seminário de S. Paulo fica ao cimo da Rua Conde Ferreira,

onde está situado o Teatro-Estúdio António Assunção. A entrada para o Encontro far-se-á pela Rua Dom Álvaro Abranches da Câmara, 1. Será possível parquear no interior.

AGENDA DE AMANHÃ

11:30

Pastéis de nata para Bach
Academia Almadense

15:00

Encontro da Cerca 1971-2021: 50 anos da CTA
Seminário de São Paulo

15:00

O sentido dos Mestres com Josef Nadj
Fórum Romeu Correia

14:00 e 19:00

Cenas da vida conjugal
Fórum Romeu Correia

15:00 e 20:30

Duas personagens
Teatro-Estúdio António Assunção

15:00 e 20:30

Corpo suspenso
Incrível Almadense

19:00

Maria Callas
Lettres et mémoires
Centro Cultural de Belém

19:00

Who killed my father
Teatro Nacional D. Maria II

20:30

Omma
Sala Principal do TMJB

RESTAURANTE
DO THEATRO

HOJE

Fusili com salsicha picante
Salada de feijão frade

AMANHÃ

Frango à Moda Marroquina
Maionese de pescada

Teatro Municipal Joaquim Benite
Av. Prof. Egas Moniz · Almada